



REVISTA

ecos

da alma brasileira

REVISTA **ecos** da alma brasileira

Três pilares para a transformação sustentável do ser humano

Muitos em nossa sociedade pós-moderna já se afastam, sob muitos aspectos, da visão de mundo materialista. Basta observar a busca por qualidade de vida, por seu significado, por sua profundidade, bem como a aspiração ao desenvolvimento e à autenticidade pessoais. LER MAIS - PAG. 6

O ciclo das gerações

As gerações são pessoas marchando através do tempo [...] que se encontram e respondem a condições de vida similares. Elas compartilham entre si uma localização de idade na História [...] (Howe & Strauss, 1996). LER MAIS - PAG. 10

Engajamento entre gerações e sustentabilidade

Novas mentalidades se formam para lidar com os problemas criados pela mentalidade anterior [...] Acabamos de passar do outono para o inverno da nossa estação geracional e cultural. Com isso, abre-se um novo estágio do ciclo de vida, para cada geração que está surgindo. O impulso para uma mudança de mentalidade está pulsando dentro de cada geração. LER MAIS - PAG. 15



Sustentabilidade Humana e Nova Consciência: Ciência, Arte e Espiritualidade

Durante esses últimos 30 anos, o debate sobre a sustentabilidade, a economia verde e assuntos correlatos, antes restrito a poucos acadêmicos e ambientalistas, se disseminou pelas empresas, governos e pela sociedade em geral. É um tema que atrai muitos, apesar de haver também acalorados debates sobre o assunto.

Uma enorme transformação está acontecendo neste século e a geração atual vivenciará mudanças que não têm precedentes na História conhecida. Por isso, é fundamental que compreendamos este mundo complexo do século XXI e que vivenciemos conscientemente essa grande transformação.

Não há a pretensão de trazer mais informações técnicas a esse respeito, mas sim de aprofundar um aspecto subjacente à questão, que é o papel da consciência individual e coletiva a partir deste contexto.

A poluição ambiental e a proteção ao meio ambiente são assuntos com os quais os meios de comunicação nos confrontam diariamente.

Por outro lado, as leis que são propostas em prol do restabelecimento do meio ambiente esbarram em resistências, porque sempre atingem interesses, além de burocracia, corrupção e visões imediatistas.

Hoje, graças aos avanços tecnológicos, as pessoas têm uma expectativa de vida maior e o índice de desenvolvimento humano aumentou em muitos países. Novas tecnologias continuarão a transformar a sociedade nos próximos anos, tanto positiva como negativamente: nanotecnologia, biotecnologia, computação quântica, internet das coisas “big data”, fábricas robotizadas e novas formas de inteligência computadorizada. No entanto, apesar de todos os avanços, cerca de 3 bilhões de seres humanos sofrem de insegurança alimentar. Nossa própria sobrevivência como espécie e a sobrevivência do planeta estão em perigo.

**Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.
(KARL MAX)**

O que nos levou a essa situação? Há em primeiro lugar, como sabemos, um estilo de vida baseado em um consumo excessivo de supérfluos, principalmente nos países ocidentais ou nos estratos mais ricos da sociedade, numa cultura saturada de descartáveis, que se tornam lixo.

O problema não se relaciona apenas ao aumento da população mundial, mas, sobretudo, à quantidade de matéria consumida por cada pessoa e da proporção que ela polui o ambiente. Em cerca de 80 anos, desde a Segunda Guerra Mundial, consumimos mais matérias-primas e produtos biológicos do que em todo o período anterior da nossa História. Atualmente produzimos mais resíduos do que a natureza pode regenerar.

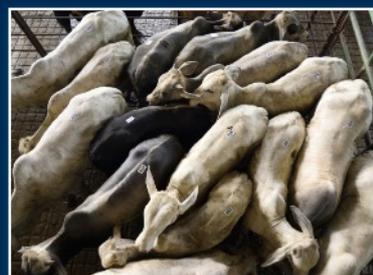
Tudo isso faz parte da dinâmica da economia global, que objetiva uma expansão econômica ilimitada, mas como conciliar isso quando os recursos naturais são finitos? A busca do crescimento pelo aumento do consumo é um dos fundamentos da economia atual, mas até que ponto isso é sustentável?

Há vários problemas de grande escala perante os quais estamos sendo colocados neste início de século, a maioria dos quais relacionados com esse estilo de vida do homem moderno, como por exemplo:



- Muitos equipamentos, incluindo nossos automóveis, geram gases com efeitos danosos à atmosfera. A concentração de dióxido de carbono na atmosfera da Terra chegou a 400 partes por milhão em 2015. É a primeira vez que isso acontece nos últimos 800 mil anos;
- O aquecimento global, que é o aumento da temperatura média do planeta, por um lado, é ocasionado pela ação do homem e, por outro, resultado de ciclos naturais que podem afetar todo o clima planetário. Previsões sobre os efeitos desse aquecimento mostram que o derretimento das calotas polares do Ártico pode afetar as correntes marítimas, provocando longos períodos de forte glaciação no hemisfério norte, enquanto o hemisfério sul sofreria um forte aquecimento;
- As espécies animais das florestas e das águas desaparecem gradualmente. Nos últimos 20 anos, houve um declínio de 12% no número de espécies no planeta e os recifes de coral estão danificados seriamente. Aqui, o grande predador é o homem;
- O solo esgota-se devido à grande quantidade de culturas e ao emprego de produtos químicos. Os desertos estão se espalhando;
- As reservas de água potável diminuem: grande parte da água para o cultivo de alimentos vem de grandes aquíferos subterrâneos, que existem há várias eras glaciais e, agora, estão diminuindo drasticamente. Todos os anos morrem aproximadamente 3,6 milhões de pessoas devido a doenças relacionadas à água, um número maior que todas outras causas relacionadas à violência, incluindo a guerra. Em 2030, mais de 5 bilhões de pessoas, quase 70% da população mundial, corre o risco de viver sem saneamento adequado;
- No Pacífico Norte, existe hoje o que se denomina de “a Grande Ilha de Lixo”, que é, literalmente, uma ilha do tamanho da França, situada entre as costas da Califórnia e do Havaí, formada por aproximadamente 4 milhões de toneladas de todo tipo de objeto plástico. Estima-se que das 100 milhões de toneladas de plástico produzidas em um ano, 10% acaba no mar;
- Há atualmente cerca de 3 bilhões de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza. Além disso, a diferença entre ricos e pobres continua aumentando. A mudança climática ameaça piorar a situação, pois pode tornar grande parte do planeta imprópria para produzir alimento e servir de habitat.

O gado e a mudança climática



O rebanho bovino mundial conta com quase 1 bilhão de animais criados para o abate. A emissão de gás metano produzido pelo gado e o desmatamento são algumas das principais causas do efeito estufa. Milhões de hectares são destinados às plantações de soja para a produção de rações. A criação de animais consome dez vezes mais água do que a agricultura. No continente europeu, o gado é confinado por falta de espaço.

Água: um problema mundial



A falta d'água já atinge mais de 3,1 bilhões de pessoas. China e Índia são os países que mais sofrem com a falta de água potável, no entanto, países como Bangladesh, México, Nigéria, Paquistão, Brasil e Estados Unidos também estão inclusos na lista. A demanda mundial é muito maior do que sua disponibilidade. A situação é agravada pelo aumento na irrigação de áreas agrícolas, padrões de vida mais elevados e consumismo exacerbado. Neste século, a água pode se tornar a questão central por trás dos grandes conflitos no planeta.

Mas, independente das causas, tais alterações podem ser vistas como um chamado para uma mudança, pois parecem afetar não apenas o clima planetário, mas também nosso clima “interior”.

O homem também vivencia interiormente uma crise física, moral e espiritual, à qual é obrigado a reagir.

Mas há alternativas realistas para o estilo de vida da sociedade atual? O cenário de crise ecológica e também econômica de alguma forma nos indica um caminho diferente, um novo modelo, um novo paradigma – ou mesmo nos obriga a pensar em alternativas?

E mesmo tendo conhecimento de que muitas mudanças são inevitáveis, seja porque são parte dos ciclos naturais, seja porque os mecanismos para as mudanças já foram acionados pela ação do homem, é possível trabalhar positivamente nesse cenário de mudanças? A evolução tecnológica, por exemplo, terá condições de, por si só, solucionar todos os problemas, como acreditam alguns?

Necessidade de uma nova consciência

Na verdade, a única certeza é que, se desejamos continuar residindo neste planeta, precisamos mudar nossa atitude de vida.

Mas para o ser humano mudar sua atitude de vida, precisamos primeiro compreender o que significa estado de vida. Essencialmente, podemos dizer que estado de vida é estado de consciência. E consciência é o que nos anima, é o que movimenta os nossos pensamentos, sentimentos e ações, é, enfim, a nossa alma.

A questão é que o ser humano, em seu estado natural, nada mais é que uma resultante completamente desalinhada de uma infinidade de pensamentos, sentimentos e ações volúveis e que mudam a todo momento.

E isso tudo ainda é relacionado à questão da hereditariedade, educação, cultura, mídia, conceitos, preconceitos e de todo um contexto subconsciente individual e coletivo que geram apenas a sensação de que o ser humano governa seu comportamento, quando, em verdade, ele é governado por pensamentos, sentimentos e ações fora de seu controle.



Somos assim fruto de uma série de automatismos e condicionamentos e, quer queira ou não, são eles a raiz do “mal” que vemos como sendo “algo” do lado de fora.

A raiz de toda essa situação é o próprio egocentrismo do homem. A mudança essencial, portanto, requer uma novo estado de consciência. Essa é a única mudança real que pode ser permanente.

**"A consciência da
inconsciência da vida é
o mais antigo imposto à
inteligência.**

**Há inteligências
inconscientes - brilhos
do espírito, correntes do
entendimento, mistérios
e filosofias - que têm o
mesmo automatismo
que os reflexos
corpóreos, que a gestão
que o fígado e os rins
fazem de suas
secreções".
(FERNANDO PESSOA)**

Mas como podemos transformar o planeta em um novo mundo possível, um mundo sustentável para nós mesmos e as próximas gerações, se continuamos a pensar, sentir e agir segundo nossa visão egocêntrica?

De fato, por detrás dessa problemática da mudança climática, oculta-se toda uma concepção supostamente racional e materialista do mundo, na qual há pouco espaço para a questão do sentido da vida e o trabalho de mudança interior.

Nessa visão, os fenômenos internos são reduzidos aos seus equivalentes externos: a consciência é considerada como um subproduto do cérebro e o sentimento do amor é atribuído a processos químicos.

O debate atual sobre sustentabilidade muitas vezes se limita a novas tecnologias e a energias duradouras, com algumas pequenas incursões no domínio da mudança comportamental. Mas uma política eficaz em matéria de clima exige, antes de tudo, uma transformação da consciência individual e coletiva a fim de que uma mudança efetiva possa ocorrer.

Se quisermos realmente que tudo não se reduza a uma propaganda difundida pela mídia, devemos compreender que essa crise refere-se a nós mesmos, à nossa relação com o mundo e ao nosso modo de vida.

A visão materialista da realidade oferece uma compreensão profunda do lado físico do mundo, mas tende também a fazer dele um simples objeto, um bem de consumo, um instrumento. Essa visão do mundo caracteriza-se, por conseguinte, por uma separação fundamental entre o homem e a natureza, o espírito e o corpo, o sujeito e o objeto.

Uma visão de mundo que nega qualquer interiorização pode produzir apenas uma cultura muito “exteriorizada”. Com uma concepção da vida tão materialista, a busca por felicidade pode nos levar apenas a essa cultura obstinada de consumo, que é difícil de conciliar com um comportamento e uma política razoáveis em matéria de meio ambiente.

Essa visão do mundo esconde uma ideologia que fala fortemente às necessidades fundamentais do homem, aos seus desejos e convicções. Essa ideologia é uma das principais barreiras a ser transpostas para viver em comunidade de maneira duradoura.

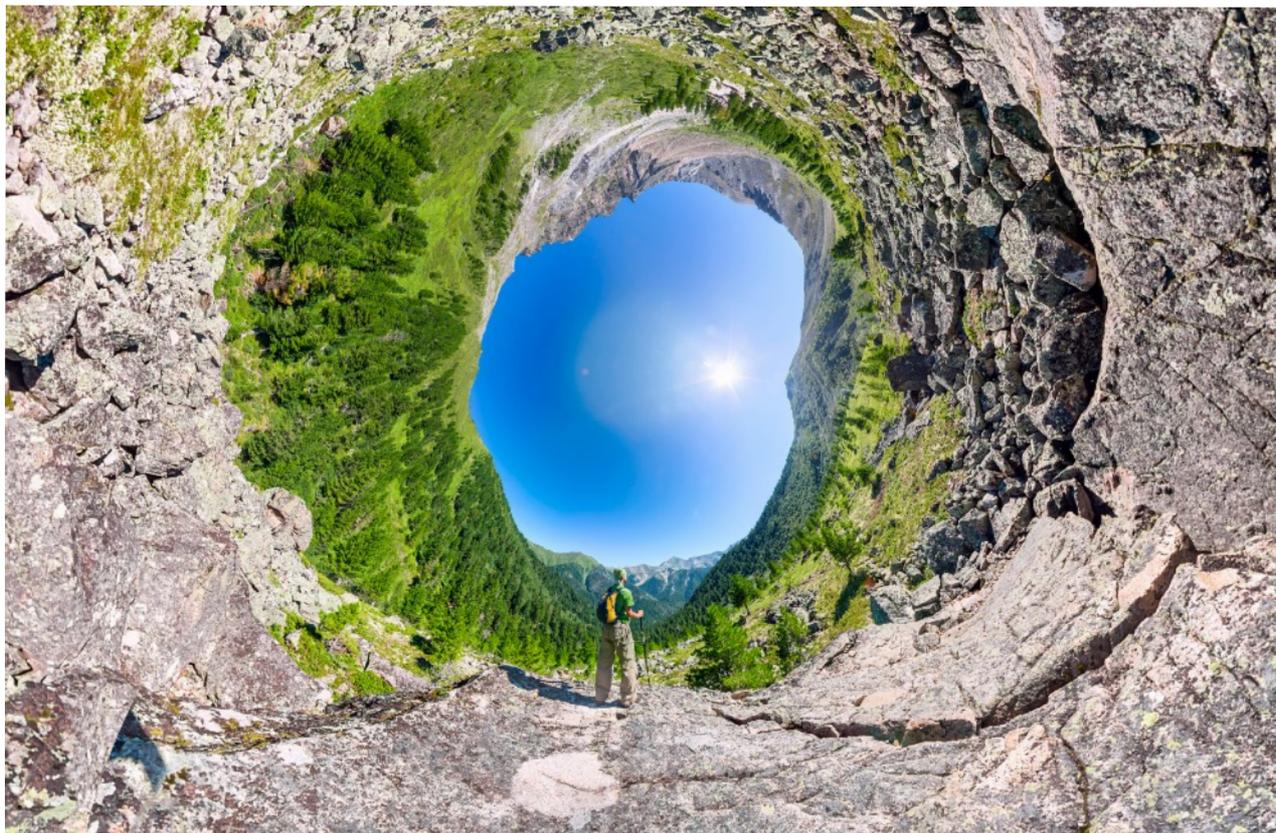
Não será fácil alterar essas convicções e idéias, frequentemente inconscientes e muito enraizadas. As revoluções metafísicas são raras na história da humanidade. Por revolução metafísica entendemos transformações profundas da visão do mundo em geral, que são determinantes para a economia, a política, para os hábitos e costumes da sociedade. Tais revoluções estendem-se, muitas vezes, por vários séculos e geram muita resistência. Os precursores tiveram, às vezes, de pagar com a própria vida por suas qualidades visionárias, quando, por exemplo, a visão do mundo passou de aristotélica e cristã para racional e científica. Basta que nos lembremos de cientistas como Galileu, Copérnico, Kepler e Giordano Bruno, considerados heréticos devido à sua concepção heliocêntrica do nosso sistema planetário.

Três pilares para a transformação sustentável do ser humano

Muitos em nossa sociedade pós-moderna já se afastam, sob muitos aspectos, da visão de mundo materialista. Basta observar a busca por qualidade de vida, por seu significado, por sua profundidade, bem como a aspiração ao desenvolvimento e à autenticidade pessoais. Isso ocorre porque o modelo ocidental, com sua promessa de abundância material e suas infinitas tentações, não responde às questões existenciais mais profundas do indivíduo.

Vamos denominar esses indivíduos insatisfeitos de “nômades da espiritualidade”, porque eles não encontram morada na sociedade atual e ainda não encontraram uma nova morada, o que os obriga a vagar, ainda perdidos, em sua busca.





Eles buscam incessantemente uma mudança interior, de dentro pra fora, e assim, através de sua própria sustentabilidade interior, será possível tornar nosso planeta sustentável.

Para essa mudança interior, sustentável e permanente, são necessários três novos pilares:

1. Uma nova espiritualidade, que responda aos anseios mais profundos da psique humana – ou seja, um novo sentir;
2. Uma verdadeira ciência sagrada, uma ciência que reconheça o mundo em sua totalidade e não apenas em seus aspectos exteriores – e que possa assim também tornar-nos sãos, completos, inteiros – ou seja, um novo pensar;
3. Uma nova arte de viver, baseada em valores internos reconhecíveis e não mais em leis exteriores e em uma tradição que não atende às exigências de nossa época – ou seja, um novo agir.

“O que eu sinto
eu não ajo.
O que ajo não penso.
O que penso não sinto.
Do que sei
sou ignorante.
Do que sinto não ignoro.
Não me entendo
e ajo como se
entendesse”.
(CLARICE LISPECTOR)

Mas quando falamos em espiritualidade, isso representa necessariamente um retorno a uma religiosidade primitiva, onde não há espaço para a razão?

Podemos dizer que, na verdade, a espiritualidade ou religiosidade primitiva, com suas concepções mágicas e místicas, constitui a forma mais primária de espiritualidade. Ela também se caracteriza por uma obediência cega a autoridades, pelo apego a dogmas e pela defesa intransigente desses dogmas, o que caracteriza o sectarismo. Muitas vezes, isso tem conduzido à violência.

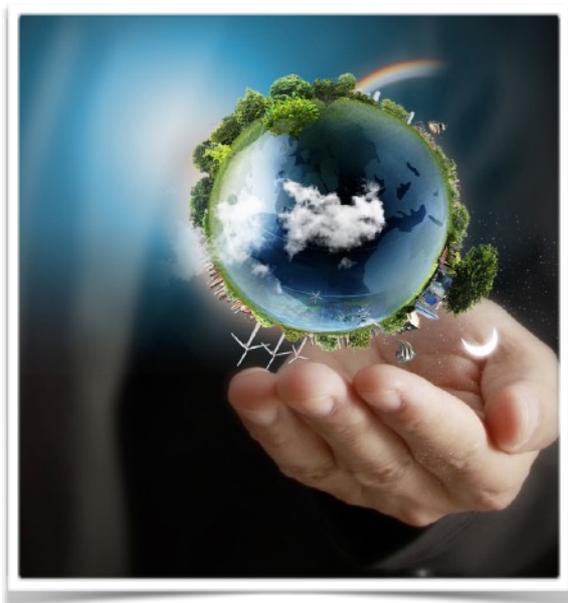
Para muitos pensadores materialistas, qualquer concepção de mundo espiritual parece um regresso para coisas que, felizmente, foram erradicadas com muita dor e dificuldade.

Mas, no contexto de uma sustentabilidade integral, que inclua os aspectos humanos, mesmos os transcendentais, há o reconhecimento de que existe outra forma de espiritualidade, que só pode ser plenamente exercida por seres humanos livres e auto-conscientes.

Nessa espiritualidade, não há espaço para dogmas nem para a crença cega em autoridades. Há, no entanto, o reconhecimento da necessidade de uma vivência em comunidade, sobre bases inteiramente novas, que podemos denominar: unidade, liberdade, amor.

Esse tipo de espiritualidade é o que Ken Wilber, por exemplo, chamou de pós ou transracional, porque ela não nega a razão, mas vai além dela, percebendo a utilidade do pensamento racional, mas também seus limites intransponíveis.

O indivíduo que aspira a essa forma de espiritualidade tenta descobrir, no seu mais profundo ser, qualidades como, por exemplo, a verdadeira paz interior, o pensamento criador universal, a verdadeira empatia e indulgência, a autenticidade e a integridade.



Os pontos de partida para essa espiritualidade são os seguintes:

1. O que é espiritual e “divino” manifesta-se na e pela própria vida e não num além hipotético;
2. Deus não é um ser abstrato, vivendo num mundo exterior ao ser humano e à criação, mas habita o coração do homem e do cosmo;
3. Tomando como base esse princípio divino, o homem pode se tornar em um cocriador, um artista da vida, o que é tanto uma possibilidade quanto uma grande responsabilidade.

Além de uma nova forma de espiritualidade, uma abordagem integral e humana da sustentabilidade também deve incluir uma nova ciência, uma ciência do ser interior.

A mão glacial da concepção puramente mecanicista do mundo oprimiu por longo tempo o coração do ser humano até o momento em que, no século passado, novas teorias começaram a desmoronar o velho edifício. Só para citar alguns poucos exemplos, podemos dizer que a Teoria da Relatividade, que modificou toda a nossa concepção de espaço e tempo; a Física Quântica; a psicologia de Jung e a Psicossomática já apontam caminhos para uma nova ciência.

A Física Quântica, por exemplo, mostrou que a consciência influencia a condição do objeto observado, quase obrigando a agregar a ciência do “ser” à ciência do “ver”, do “observar”.

Para além do “ver”, ou seja, o mundo da percepção objetiva, existe também o mundo do “ser”, das experiências subjetivas e das impressões do coração, da psique natural. Para além do domínio da consciência egocêntrica, existe o domínio do eu real, que é uno com o cosmo.

Esse universo de experiências interiores, esses domínios internos, são não apenas incompreendidos no âmbito das concepções científicas positivistas, que ainda resistem em muitas

áreas da ciência, mas são mesmo negados por elas. O resultado é a situação absurda na qual coexistem duas formas essenciais de conhecimento e, conseqüentemente, duas realidades diferentes, o que dilacera o mundo e cada um de nós.

Muitos já tiveram a experiência de um momento de felicidade transcendente, por exemplo, após ter feito a ascensão a uma montanha, ao admirar a paisagem que se revelava então. Sentimo-nos, então, leves e preenchidos de alegria, abertos e indulgentes em relação às pessoas que nos cercam, e nossos pensamentos tornam-se mais claros. Mas o mais importante aqui, na verdade, não é o evento em si, pois ele é simplesmente uma porta aberta para a transcendência, uma vivência além do ego.

Mas os tempos atuais nos ensinam que já não faz sentido ficar de lado, na mera contemplação interna, buscando unicamente sua própria espiritualização; tampouco faz sentido se limitar a tecer considerações a respeito de uma nova ciência do espírito. Ao contrário, as circunstâncias estão compelindo o ser humano a fazer uma escolha vital de caráter positivo.

Dessa forma, uma nova orientação espiritual poderá abrir um leque totalmente novo de possibilidades, conduzindo a uma atitude de vida renovada, uma nova arte de viver perante a comunidade e todo o planeta.

Mas enquanto não reconhecermos como reais os domínios interiores, como poderemos esperar que as pessoas se orientem ou se desenvolvam nesse aspecto? Como repreendê-las por buscar sua salvação no consumismo sem alma, no materialismo superficial, numa exteriorização vazia e numa busca vazia por prazer?

Uma revolução metafísica é um processo doloroso, difícil e extremamente lento. Nesse contexto, uma pressão externa destinada a vencer a resistência social é, por conseguinte, oportuna.

A mudança climática pode aqui desempenhar um papel chave e revelar-se assim uma “bênção disfarçada”, pois seu caráter onipresente e inegável nos obriga a uma mudança radical de idéias e de comportamento. Ela auxilia a humanidade e a leva ao complexo, mas benéfico processo de tornar-se adulta, de avançar de um consciência egocêntrica para uma consciência da totalidade.

Aqueles que estão em busca dessa consciência universal, neutralizando seu estado de ser egocêntrico, já não

“Os místicos e os sábios estão loucos? Porque todos eles contam variações da mesma história, não é? A história de acordar uma certa manhã e descobrir que você é Um com o Todo, de uma maneira sem tempo, eterna e infinita. Sim, talvez eles estejam loucos, esses tolos divinos. Talvez sejam idiotas balbuciando na face do Abismo. Talvez precisem de um bom e compreensivo terapeuta. Sim, tenho certeza que ajudaria. Mas, então, me pergunto. Talvez a sequência evolucionária realmente seja da matéria para o corpo para a mente para a alma para o espírito, cada um transcendendo e incluindo, cada um com uma profundidade maior e com uma consciência maior e uma abrangência mais ampla. E nos alcances mais altos da evolução, talvez, apenas talvez, a consciência individual toque de fato o infinito - a abrangência total do Cosmos - uma consciência Cósmica que é o Espírito desperto para sua própria natureza. É no mínimo plausível. E, me diga: é essa história, cantada pelos místicos e sábios pelo mundo afora, em qualquer sentido mais louca do que a história do materialismo científico, que é aquela em que a sequência inteira é uma fábula contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando absolutamente nada? Escute muito cuidadosamente: qual dessas duas histórias realmente soa totalmente insana?”

KEN WILBER, 1997

Fragmento do livro "Uma breve história de tudo"

concorrerão inconscientemente para a coletividade das poluições sobre o planeta Terra, pois seus desejos e pensamentos estão direcionados para outros valores, escapando do emaranhado e complicado mundo das necessidades supérfluas do consumismo sem fim.

Essa consciência da totalidade é uma realidade concreta, que pode ser vivenciada por todos os seres humanos. Essa consciência não vê divisões, não tem separações entre “meu ou seu”, não se percebe isolada da realidade que a cerca. Por isso, ela não usurpa e destrói os recursos para seu benefício próprio, não agride, fere ou mata os animais porque reconhece-os como parte de uma totalidade na qual também se reconhece.



Tal consciência vivencia a realidade de que todas as coisas têm vida e pulsam, e que todas as criaturas e formas de vida estão inseridas na criação universal e tem seu propósito dentro do todo.

Os limites intransponíveis da consciência egocêntrica estão praticamente “obrigando” muitos a se abrir a novas possibilidades, a uma percepção que vá além da percepção isolacionista do ego, rumo a uma nova consciência, uma consciência universal. Somente uma consciência desse tipo será capaz de se realizar plenamente, em sintonia com a realização de uma nova sociedade, sustentável e humana.

O ciclo das gerações

Como Howe e Strauss (Howe & Strauss, 1992; Strauss & Howe, 1997)¹ definiram, “as gerações são pessoas marchando através do tempo [...] que se encontram e respondem a condições de vida similares. Elas compartilham entre si uma localização de idade na História (mesma faixa de idade durante um mesmo período histórico)”. Diferente de outros grupos coletivos de seres humanos, as gerações são compostas de personalidades semelhantes, pois têm uma mentalidade grupal ligada a padrões sociais de comportamento similares.

No entanto, indivíduos muitas vezes não identificam nem exibem os comportamentos típicos de sua geração. As características de uma geração são aspectos gerais, que são compartilhados por um número expressivo de indivíduos pertencentes a uma geração, mas não por todos. De uma forma ou de outra, porém, eles provavelmente ainda carregam o código desta geração, pois estão cientes do que seus pares estão experimentando. Indivíduos podem, na verdade, se identificar com um dos seguintes subgrupos de uma geração:

¹<https://www.amazon.co.uk/Generations-William-Strauss/dp/0688119123>

- **Diretiva:** indivíduos que apresentam as características e os comportamentos de sua geração em um grau significativo. Eles definem o tom geral de uma geração.
- **Dirigido:** indivíduos que estão em conformidade com a disposição geral de sua geração.
- **Reprimido:** indivíduos que não se sintonizam com sua geração. Sua influência sobre sua geração é insignificante porque eles se retiram ou, em alguns casos, se rebelam contra sua geração.

Cada pessoa pertence a uma geração primária porque tem e compartilha com outros a mesma idade na História. É esse “local” que unifica um grupo geracional.

Os seres humanos se desenvolveram porque se adaptaram, continuamente, a condições de vida novas e mais complexas. Em virtude do sucesso em prosperar em um determinado conjunto de condições de vida, novos e mais complexos problemas são criados. O comportamento humano adulto normal é dinâmico e muda ao longo de nossa vida e, de fato, se modificou ao longo da História moderna. Novas mentalidades se formam para lidar com os problemas criados pela mentalidade anterior.

Strauss e Howe explicam que o tempo de vida humano é expresso através do envelhecimento natural e é dividido em quatro estágios: infância, amadurecimento ou idade adulta, meia idade e velhice. As mesmas condições de vida ou acontecimentos são experimentados de forma diferente em cada uma dessas fases.

O padrão cultural pode ser comparado a um padrão climático sazonal ou a estações. Ao longo do ano, o humor dos indivíduos é afetado pelas mudanças das estações. De forma semelhante, Strauss e Howe propuseram os seguintes ciclos geracionais e culturais, cada ciclo correspondendo a uma geração:

- **Alto:** uma era otimista de fortalecimento das instituições e enfraquecimento do individualismo, quando uma nova ordem cívica se instala e o antigo regime de valores se deteriora.
- **Despertar:** uma era apaixonada de agitação espiritual, quando a ordem cívica é atacada por um novo regime de valores.
- **Desvendamento:** uma era abatida pelo fortalecimento do individualismo e pelo enfraquecimento das instituições, quando a velha ordem cívica decai e o novo regime de valores se implanta.
- **Crise:** A maioria das pessoas é suscetível à ideia de que os próximos anos serão uma progressão linear dos últimos. No entanto, os próximos 10 anos serão diferentes dos últimos

“De todos os ciclos conhecidos pelo homem, o ciclo de vida humano é o que conhecemos melhor. Uma geração, como um indivíduo, é mortal. Seus membros sabem que, com o tempo, todos devemos perecer. A dinâmica do envelhecimento geracional permite que a sociedade reponha sua memória e evolua com o tempo. Cada vez que uma geração substitui uma geração mais velha em cada fase da vida, o ciclo de vida composto torna-se algo completamente novo, mudando fundamentalmente o humor e o comportamento de toda a sociedade”. (...) “A História cria gerações e as gerações criam História. Essa simbiose entre a vida e o tempo explica por que, se uma é sazonal, a outra [também] deve ser”
(STRAUSS & HOWE, 1997)

20 anos, assim como o inverno é diferente do outono, oposto do verão e precursor da primavera. Além disso, o inverno apresenta semelhanças com invernos anteriores.

Gerações, em geral, nascem com um dos ciclos (por exemplo, Desvendamento), amadurecem no próximo (por exemplo, Crise), vivem até a meia idade no seguinte (por exemplo, Alto) e completam suas vidas no quarto ciclo (por exemplo, Despertar). Strauss e Howe mapeiam um padrão de sincronização onde as gerações nascidas no primeiro ciclo (Alto) desenvolvem uma mentalidade coletiva idealista; as gerações nascidas em um segundo ciclo (Despertar) desenvolvem uma mentalidade reativa; aqueles nascidos no terceiro ciclo (Desvendamento, como no exemplo sugerido) desenvolvem uma mentalidade cívica; e aqueles nascidos no quarto ciclo (Crise) desenvolvem uma mentalidade adaptativa.

Cada geração atinge a maioria por ter experimentado uma estação diferente na infância e, também, pela influência das outras gerações. Assim, ter 15 anos hoje é diferente de ter tido 15 anos há duas décadas. O humor cultural muda, a vida muda, nossas experiências mudam e nossa mentalidade muda.

À medida que cada geração envelhece, ela molda os ciclos culturais e é moldada por eles. Cada movimento através de um novo estágio forma uma nova mentalidade.

De acordo com o cronograma de Strauss e Howe, acabamos de passar do outono para o inverno da nossa estação geracional e cultural. Com isso, um novo estágio do ciclo de vida para cada geração está surgindo. O impulso para uma mudança de mentalidade está pulsando dentro de cada geração. Até agora, a humanidade tem sido uma participante inconsciente deste processo de mudança natural. Mas, e se a mudança atual exigir um engajamento consciente? Como poderíamos responder positivamente a esse impulso?



As gerações: classificações e características

No passado a duração de cada geração era considerada de 25 anos. No entanto, geralmente, considera-se que houve uma aceleração desse processo nas últimas décadas, devido principalmente à aceleração das mudanças tecnológicas e às consequentes mudanças sociais. O intervalo entre uma geração e outra teria ficado, portanto, mais curto. Atualmente, já se considera uma nova geração a cada dez anos, aproximadamente.

A classificação das gerações foi realizada, principalmente, por pesquisadores americanos. Por isso, leva em consideração, sobretudo, aspectos que são mais marcantes nos Estados Unidos da América. Porém, dada a influência da cultura americana, essas classificações podem ser expandidas para a maioria dos países ocidentais e mesmo para o Oriente, desde que devidamente adaptada às condições locais. Não há um consenso universal sobre quais seriam as gerações e quais períodos abrangem cada uma delas. A esse respeito, Washburn (2000) distingue cinco categorias diferentes em seu artigo publicado na revista “Physician Executive”²:

1. Geração da infância: Nascidos entre 1901 e 1925. Geração que sobreviveu à Grande Depressão e lutou na Segunda Guerra Mundial. Marcada por uma jornada heróica, esse grupo acredita na virtude do cidadão e na mobilidade social – o “sonho americano”. Foi marcada pelas características de cidadania e agrupamento fraternal e profissional.
2. Geração silenciosa: Nascidos entre 1926 e 1945. Muito novos para lutar na Segunda Guerra, admirava a geração anterior, convivendo de perto com seu senso de patriotismo e de sacrifício individual para o bem do comum. Herdaram um “mundo melhor”, construído pela geração anterior, e buscaram ampliá-lo ao invés de modificá-lo. A geração silenciosa se define pelos princípios de ordem, lei, fé e patriotismo.



Gravett e Throckmorton (2007) optam por nomenclaturas parcialmente diversas e dividem as gerações em: geração “radio babies” (nascidos antes de 1945), geração “baby boomers” (nascidos entre 1946 e 1964), geração X (nascidos entre 1965 e 1978) e geração Y (nascidos entre 1979 e 1990).

²<http://go.galegroup.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA102340171&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=08982759&p=AONE&sw=w&authCount=1&isAnonymousEntry=true>

id=GALE%7CA102340171&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=08982759&p=AONE&sw=w&authCount=1&isAnonymousEntry=true

O estudo de Martin e Tulgan (2006) optou por classificar as gerações com intervalos de idades diferentes de Washburn (2000), especialmente sobre as últimas duas gerações, denominadas também por eles de X e Y. Os autores utilizaram a denominação geração "Schwarzkopf" (em homenagem ao general americano Norman Schwarzkopf e sua abordagem para a liderança) para denominar aqueles nascidos antes de 1946 e geração "baby boomer" para os nascidos entre 1946 e 1964. Sobre a geração X e a geração Y, eles atribuem características similares às de Washburn (2000), com diferenças apenas em relação aos períodos de nascimento.

3. Geração "baby boomer": Nascidos entre 1945 e 1964. O termo "baby boom" é uma referência à onomatopéia utilizada para descrever os nascidos no período posterior ao final da Segunda Guerra Mundial, em que houve uma explosão na quantidade de nascimentos em função da situação socioeconômica americana. Muitas vezes, é constituída pelos filhos dos soldados que voltaram da guerra com o objetivo de constituir famílias, com uma visão de um futuro de paz e prosperidade.

Eles constituíram uma juventude profundamente questionadora dos antigos valores e, principalmente, a partir dos anos 1960, iniciariam a luta pelos direitos das minorias, a revolução sexual e o movimento pela paz mundial. Muitos vivenciaram a descoberta das filosofias orientais e das drogas psicodélicas.

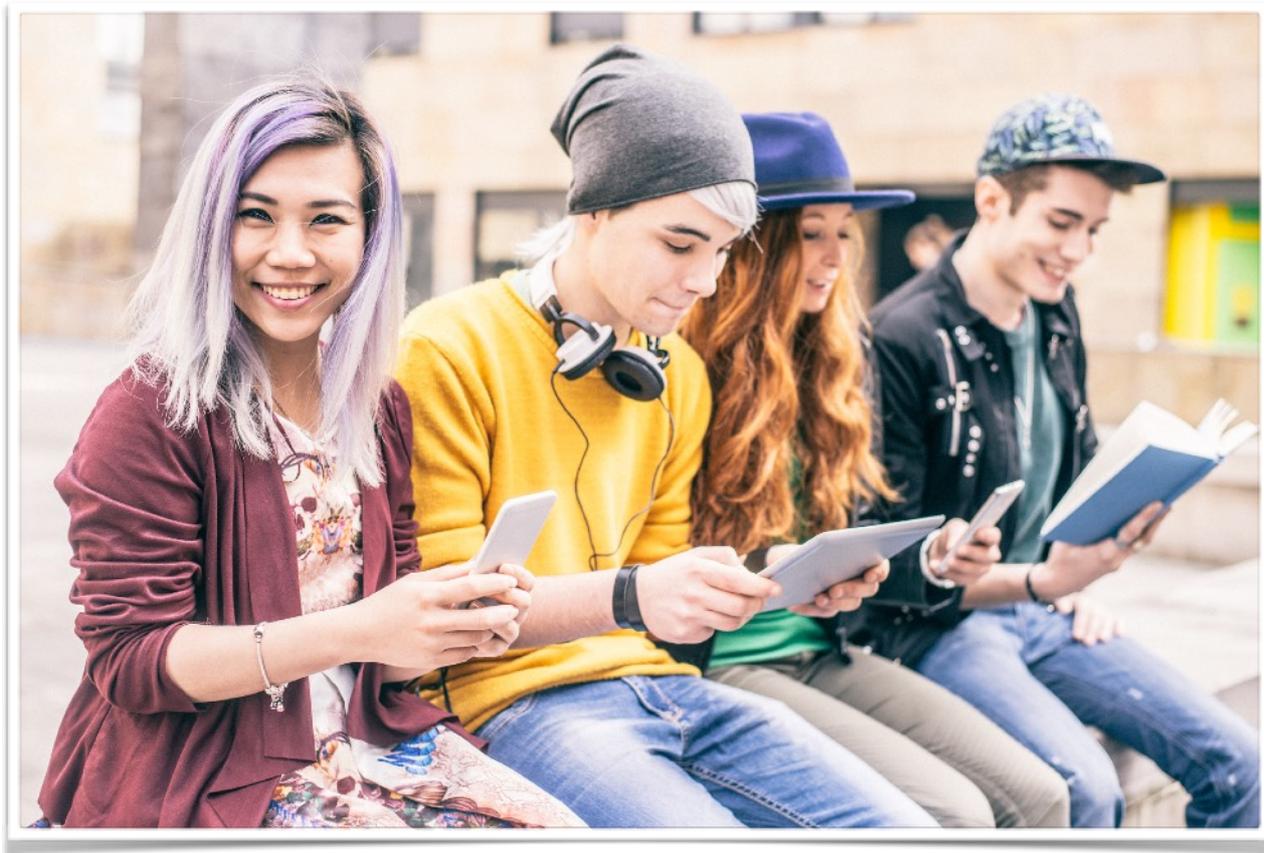
4. Geração X: Nascidos entre 1965 e 1981. A expressão "Geração X" foi inventada pelo fotógrafo Robert Capa em 1950, que a utilizaria como título de um ensaio fotográfico sobre jovens que cresceram imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. O projeto foi publicado em 1953 na revista britânica "Picture Post" e na revista americana "Holiday". A expressão seria utilizada mais tarde, porém, para descrever uma geração posterior.

Os membros da Geração X eram crianças durante um período de mudança intensa e rápida de valores sociais. Eles conviveram com o aumento das taxas de divórcio e com o aumento da participação materna na força de trabalho, antes da disponibilidade de opções de cuidados infantis fora de casa. Foi um período mais focado no adulto e em sua realização pessoal do que na criança e no jovem. No Brasil, a convivência com uma ditadura militar já estabelecida e, posteriormente, o início do processo de democratização definiram a juventude dessa geração.

Os jovens desta geração foram considerados às vezes destituídos de identidade, encarando a possibilidade de um futuro incerto e hostil, característica dos anos finais da Guerra Fria. Eles criticaram a visão de "paz e amor" dos "baby boomers" e tinham uma percepção mais crua da realidade, o que pode ser percebido, entre outros, no movimento punk e pós-punk. Vivenciaram na juventude o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, a crise da AIDS e a influência da MTV.

5. Geração Y ou "Millenials": Nascidos entre 1982 e 2003. Essa geração cresceu em um meio altamente tecnológico, convivendo desde cedo com computadores, correio eletrônico e programas de mensagens instantâneas, da mesma maneira que a geração dos "baby boomers" cresceu com o telefone e a geração X com a televisão.

Eles assistiram na infância ou na juventude aos processos de globalização e revolução digital, ao surgimento das primeiras redes sociais e de uma nova onda de terrorismo.



Além das gerações citadas, outros estudos falam a respeito de novas categorias, como as gerações Z e Alfa. A geração Z viria logo após a geração Y. Essa geração já nasceu num ambiente altamente tecnológico, caracterizado pelo início de mudanças climáticas planetárias e pelo surgimento de novas tecnologias disruptivas, tais como computação em nuvem, nanotecnologia, impressão 3D, carros autônomos e outras. Eles são mais dependentes da Internet que a geração anterior, estão continuamente conectados e com menos intimidade física. Ao mesmo tempo, gostam de expressar suas diferenças e possuem um forte senso de responsabilidade social e humanitarismo.

Alguns estudos já se referem à geração Alfa (ou qualquer que seja o nome pelo qual será de fato conhecida), que será constituída pelas crianças que nasceram depois do ano 2010. O termo foi usado pela primeira vez pelo sociólogo australiano Mark McCrindle, em março de 2010. A geração Alpha nasceu em um contexto global no qual as novas tecnologias de comunicação estão consolidadas e bem mais desenvolvidas. Provavelmente terá entre os seus desafios as questões ambientais, o aumento drástico da quantidade de informações e a convivência com máquinas superinteligentes.

Engajamento entre gerações e sustentabilidade

No início deste artigo, algumas afirmações foram feitas, que gostaríamos agora de aprofundar:

“Novas mentalidades se formam para lidar com os problemas criados pela mentalidade anterior. (...) Acabamos de passar do outono para o inverno da nossa estação geracional e cultural. Com isso, um novo estágio do ciclo de vida, para cada geração está surgindo. O impulso para uma

mudança de mentalidade está pulsando dentro de cada geração. Até agora, a humanidade tem sido uma participante inconsciente deste processo de mudança natural. Mas, se a mudança atual exigir um engajamento consciente? Como poderíamos responder positivamente a esse impulso?”

Suponhamos que estejamos, de fato, vivenciando o inverno cultural e geracional apontado por Strauss e Howe, ou seja, a transição entre os períodos de Desvendamento e Crise, uma época de “enfraquecimento das instituições, quando um conjunto de valores decai e outro conjunto se implanta, criando uma nova condição social e econômica”.

A natureza dessa crise atual, porém, é universal. Não está limitada a um país ou a uma geração, pois tem implicações globais: é a própria sobrevivência do planeta que está em jogo. As quatro últimas gerações estão vivenciando o Desvendamento e a Crise num contexto mais amplo. É uma crise da própria mentalidade que, nos últimos séculos, ergueu a civilização atual, com toda a sua grandeza e todos os seus problemas.

As gerações Z e Y estão atualmente vivenciando sua juventude e infância. Dada a resistência à mudança de muitos indivíduos das gerações mais antigas, é necessário que o “engajamento consciente” surja principalmente nessas novas gerações.

Na evolução das espécies, incluindo o desenvolvimento humano, à medida que novos potenciais são desenvolvidos, é natural que surjam problemas. Como disse um filósofo, “é sempre um processo de diferenciação e integração. [...] A dialética do progresso mostra-se claramente, numa alternância entre boas e más notícias” (KEN WILBER, “O Olho do Espírito”).

No processo de diferenciar (ou transcender) e integrar, quando uma diferenciação vai longe demais, surge uma dissociação. Podemos ver um exemplo claro disso na condição humana atual. O ser humano se desenvolveu de uma consciência grupal a uma consciência egóica individual, mas o ego e o intelectualismo se desenvolveram a um ponto de saturação.

O avanço rumo a uma consciência mais ampla tem sido dificultado pela compreensão errônea de que a consciência egóica e o intelecto seriam o apogeu da evolução humana. Por isso, a consciência egóica se ampliou além de limites saudáveis, causando devastações ao seu redor e impedindo sua transcendência. Questões centrais como a da sustentabilidade se perpetuam justamente porque não podem ser resolvidas nesse nível.

Da mesma forma que o ser humano se desenvolveu de uma consciência grupal para uma consciência individual, há também um estágio de complexidade cognitiva e moral que precisa ser alcançado agora, tendo em vista a própria sobrevivência de nossa espécie e do planeta. Essa “consciência superior” representa o início do desenvolvimento transpessoal, ou seja, transcendente ao ego.



Seres humanos neste estágio de consciência poderão realizar a “revolução metafísica” definida anteriormente. Neste estágio, a pessoa é capaz de observar o próprio pensamento sem se identificar com ele.

Mesmo o ego, que era o sujeito do estágio anterior, passa a ser objeto de observação. Há, assim, uma integração e transcendência da consciência egóica convencional. Já não é possível viver apenas a existência isolada, pessoal e egocêntrica, já que essa nova consciência se percebe como um integrante de um todo maior. Esse todo é constituído de toda a vida terrestre, incluindo o ser humano, pois ele é atualmente o agente principal de mudanças planetárias, positivas ou negativas.

Só a partir dessa consciência é possível uma compreensão ampla a respeito das questões centrais de nossa época. Seu desenvolvimento pode ser a base de uma sociedade realmente sustentável, ambientalmente integrada, democrática e voltada para o desenvolvimento de todos. As novas gerações têm o potencial de avançar para esse novo estágio através de seu engajamento consciente, porque esse desenvolvimento não se dá de forma automática. De fato, os indivíduos de todas as gerações atuais ("baby boomers", X, Y, Z e Alfa) têm condições de dar esse passo coletivo.

A crise planetária pode se tornar, assim, uma grande oportunidade para um desenvolvimento positivo individual e coletivo saudáveis, em direção à transcendência e à integração saudáveis.



Queremos saber Gilberto Gil

.....
Queremos saber,
O que vão fazer
Com as novas invenções
Queremos notícia mais séria
Sobre a descoberta da
antimatéria
e suas implicações
Na emancipação do homem
Das grandes populações
Homens pobres das cidades
Das estepes dos sertões
Queremos saber,
Quando vamos ter
Raio laser mais barato
Queremos, de fato, um relato
Retrato mais sério do mistério
da luz
Luz do disco voador
Pra iluminação do homem
Tão carente, sofredor
Tão perdido na distância
Da morada do senhor
Queremos saber,
Queremos viver
Confiantes no futuro
Por isso se faz necessário
prever
Qual o itinerário da ilusão
A ilusão do poder
Pois se foi permitido ao
homem
Tantas coisas conhecer
É melhor que todos saibam
O que pode acontecer
Queremos saber, queremos
saber

**Seja a mudança que
você quer ver no
mundo
(MAHATMA GANDHI)**

